

COMBATE SINDICAL

AIT

CORRESPONDÊNCIA:
CAIXA POSTAL
40512
CEP 03097
SÃO PAULO SP

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

ANO I Nº1 AGOSTO/1989

EDITORIAL QUEM SOMOS.

Não se trata de mais uma experiência; mais um grupo; mais uma proposta; mais um segmento; mais uma divisão, no contraditório movimento sindical brasileiro, onde pontificam as lutas por espaços de poder político, de ambições pessoais, onde sempre, em nome dos trabalhadores, o que se busca são privilégios de partidos, de grupos e indivíduos.

Trata-se de recolocar a luta nos autênticos princípios e práticas - que nunca perderam sua vigência - desde a Primeira Internacional até a atual A.I.T., fundados no lema de que a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.

A auto-organização a partir dos locais de trabalho. A ação direta. A associação autogerida sem delegação de poder. Cargos apenas funcionais, sem atribuição de autoridade, com a máxima rotatividade que permita o máximo de participação nas funções administrativas. A criação de um movimento de educação libertária, desenvolvendo muitas iniciativas na busca de soluções positivas para os problemas sociais. E muito mais no sentido da elevação intelectual, moral, profissional, e em todos os níveis, dos trabalhadores.

É o resgate de um movimento sindical e associativo que vai muito além da simples reivindicação de aumentos salariais, para ser o grande instrumento de transformação social, a começar pelo padrão de valores que regem o comportamento de seus participantes.

O sindicato não pode limitar-se a disputar o espaço vital para sobrevivência de seus associados reivindicando apenas melhores salários para quem trabalha, assim estará concordando com a exploração por industriais, comerciantes, banqueiros e pelo Estado, que tudo autoriza, regulariza, e a todos expolia. Quando uma classe profissional pleiteia aumento de ordenado está negociando um melhor preço para sua produção, querendo resolver dificuldades imediatas, torná-las suportáveis, anestesiá-las sem se importar que o padrão vá repassar o aumento concedido ao consumidor, majorando uma mercadoria que não produziu e cuja carga acaba recaindo sobre inúmeras camadas da população, inclusive trabalhadores de outras profissões. Com isso, sem perceber, o grevista desempenha o mesmo papel do negociante, transita na estrada patronal, que para aumentar suas mercadorias sonega-as, retira-as das prateleiras até que os órgãos do Governo lhe concedam novos preços, bem superiores aos que foi obrigado a pagar aos grevistas.

A greve econômica hoje equivale a uma disputa entre o Capital e o Trabalho da qual os operários sempre saem perdendo enquanto ajudam a eternizar a desigualdade social, a perpetuar hierarquias!

O sindicalismo, na sua expressão maior, não pretende apenas mimosear questões alimentares, nem o sindicato objetiva eternizar a desigualdade pela greve econômica. Suas pretensões são imensas, transformadoras, emancipadoras e revolucionárias.

Edgar Rodrigues

Pela autonomia sindical

Pela extinção do imposto sindical

Por sindicatos autônomos e federados

Por uma jornada de 6hs de trabalho

MORTE NO NASBE

"Isso me sugere tanta sugestão,
isso não me queira nada bem.
Tem muita gente queimando na fogueira,
e pouca gente se dando bem".

(Engº do Havaii)

O acidente que levou à morte um operário da construção civil nas obras do NASBE (Centro de Processamento de Dados/ do Banespa), no início deste mês, trouxe à tona fatos que mostram a precária condição em que nós trabalhadores, vivemos... (ou seja, meras peças de reposição sem o mínimo valor para os patrões).

O Banespa, um banco situado entre as maiores organizações do mercado financeiro, é tido como uma Empresa séria e idônea. Esta é a imagem que a corja da Diretoria do banco tenta vender à população (lembra-se do caso Cecoato & Cia, que continua impune até agora?). Mas agora aparece com sua verdadeira face: empreiteiras atuando em obras sem qualquer contrato com o banco, ausência de transparência e de concorrência o que denota, provável desvio de altas somas em dinheiro.

Segundo foi constatado, o operário morto tinha apenas 16 anos e fora contratado por um "gato" para trabalhar no NASBE. O "gato" é uma espécie de parasita intermediário, que tira proveito do trabalho dos menos favorecidos, está sempre presente em grandes obras para lavagem de dinheiro restando a maior parte para si e, como feitor de escravos, sai recolhendo pobres diabos que encontra pelas ruas para trabalhar em sua "Firma".

O Banespa deveria vir a público e mostrar esses "gatos" qual critério usa ao escolher uma determinada empreiteira e não outra, ao invés de vir a público apenas para mostrar propagandas de capitalização de investimentos e "Bancar" / propagandas do Governo, que na verdade só mostram o mínimo que tem feito nas suas obrigações com o povo.

Enquanto os funcionários do banco trabalham no NASBE e desfrutam de um mínimo de estrutura como transporte, restaurante, banheiro, tais peões amargam serem tratados como seres humanos de segunda classe, pois as condições de vida e de trabalho que enfrentam são as piores possíveis e imagináveis.

A ministra do trabalho (Dorotéia Werneck) declarou essa semana que a cada três horas há, pelo menos, uma morte de trabalhador no Brasil por acidente no trabalho. Sem dúvida, o Banespa, com a morte deste garoto lá no NASBE, está dando sua parcela de contribuição para aumentar esse índice, o que revela o desrespeito que tem pela vida do trabalhador.

Vale, apenas, relembrar aqui um trecho do II Congresso Operário Brasileiro, realizado nos dias 8 a 13/set/1913.

"Que o Governo ou o Estado, com suas instituições de força e de violência, constitui uma barreira que é preciso destruir a bem da transformação econômica que faça desaparecer os antagonismos de classe que convertem em lobo do homem, e livre de qualquer organismo centralizador ou autoritário, realize a constituição de um povo de produtores livres, para que finalmente o servo e o senhor, o aristocrata e o plebeu, o burguês e o proletariado, amo e o escravo, que, com suas diferenças econômicas e sociais ensanguentaram a história, se abracem finalmente sob a denominação de irmãos".

Alvimar Xavier Bessa
Augustus Vianna

Pela extinção do serviço militar obrigatório

Pela extinção do voto obrigatório

Por sindicatos livres e revolucionários

AÇÃO DIRETA E AUTOGESTÃO

A GREVE DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO

A greve acabou e faz-se necessária uma avaliação do movimento.

O congresso da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, em janeiro tirou bandeiras de luta muito claras para a greve Nacional Unificada, por tempo indeterminado, dos trabalhadores em educação: defesa da Escola pública, piso salarial nacional da categoria no valor de um salário mínimo do DIEESE, corrigido mensalmente segundo índice de inflação do mesmo órgão. Eram palavras de ordem: fora FMI, fora Sarney, contra o pagamento da dívida externa. O calendário da greve ficou indicado para meados de abril.

O conselho da CNTE, indicou que o início da greve seria 13/abril. Em SP, houve assembleia nesse dia e deliberou-se o início da greve para o dia 19, porque os outros estados marcaram início da greve para essa data. A diretoria da APEOESP argumentou que, com essa data, unificaríamos as lutas em todos os estados e teríamos mais uma semana para preparar a categoria. A greve já havia sido indicada, nós já estávamos preparados, inclusive até com um dia de paralisação, 30/março. Os cartazes e panfletos que convocavam a greve estabeleciam-na para somente os dias 19/20/abril, contrariando a decisão do congresso da CNTE que a indicava por tempo indeterminado. A corrente política "Articulação", hegemônica na APEOESP e em outros sindicatos, apostou que com a paralisação de 2 dias o governo Quéricia abriria negociações. Muito ao contrário, o governo afirmou que não negociaria com as categorias em greve. Este ato determinou que os trabalhadores em educação desflagrassem a greve por tempo indeterminado provando que a avaliação da diretoria da APEOESP estava errada. O governo não negociaria sem que os trabalhadores em educação demonstrassem sua força.

O índice de paralisação em todo o estado chegou a 90% com assembleias semanais nas escolas com pais, alunos e trabalhadores em educação e com assembleias estaduais com nunca menos de 20 mil pessoas. Nesse momento o 1º vau do movimento foi ter aprovado, em assembleia, a assinatura do ponto. A UDEMO com essa proposta tentou caracterizar um ato de enfrentamento com o governo e dar mais fôlego à greve. Já naquele momento avaliávamos que a assinatura do ponto nos dividiria, pois nem todos podem assiná-lo, não nos politiza, pois a greve passa a ser consentida e não fortalece a estrutura sindical. Aprendemos muito com essa atitude e agora estamos enfrentando muitos problemas: muitos assinaram o ponto e receberam o pagamento, comprometendo-se moralmente com a reposição. Mas nem todos receberam o pagamento pois os BFs, que foram fechados, voltaram. Isso tudo poderia ser evitado com a devida discussão política do assunto, o que não ocorreu na assembleia.

No dia 31/março tivemos eleições para diretoria e Conselho de Representantes da entidade. Dos 200 mil professores do estado, apenas 68 mil são filiados e somente cerca de 21 mil compareceram às urnas. Isso comprova o péssimo trabalho político que a corrente "Articulação" vem desenvolvendo no interior da entidade nos últimos 10 anos, pois em plena greve com reuniões, assembleias regionais e estaduais em todas as semanas menos de 1/3 da categoria votou.

Ao apresentarmos a contra-proposta abrimos um flanco para o governo. Recordemos alguns fatos anteriores a aquele momento: ato unificado com as categorias em greve na Sé com mais de 70 mil pessoas e que obrigou o governador, ao retornar da Europa, abrir negociações onde apresentou suas duas propostas. A diretoria da APEOESP, ao apresentá-las, dá mais ênfase a segunda proposta qualificando-a de a "menos ruim", (O est. de SP ironizou essa afirmação). A partir daí a diretoria e a Convergência Socialista, grupo que se diz de oposição, passam a indicar a contra-proposta como saída mais responsável. Segundo eles "é necessário dar

mos um pequeno passo atrás, para darmos um grande passo à frente" e para continuar a ser chamado de "sindicalismo eficiente e responsável", (O Est. de SP.) e não ser caracterizado como intransigente. Este foi o segundo vacilo. Até então, o governador que estava na defensiva passou a ofensiva baixando uma série de decretos via D.O. para reprimir e conter o movimento. Os mesmos delegados de ensino, supervisores e diretores que participavam do movimento e apoiavam-no, fazendo abaixo assinados, foram coniventes servindo de instrumento de repressão convocando os professores às escolas para apresentar a proposta do governo, pois o mesmo havia declarado que a comissão de negociação estava mentindo para os trabalhadores.

Durante 80 dias de greve várias categorias estiveram em luta: bancários, metalúrgicos do ABC, judiciário, previdenciários, professores federais etc. Tivemos um único ato unificado, o da Sé, que foi proposta vitoriosa no Congresso da CUT regional grande SP, e que a diretoria relutou em efetivar. Nossa greve ficou isolada, apesar de estarem na diretoria desse e outros sindicatos a corrente política "Articulação". Não consta do projeto político dessa corrente a unificação das lutas, das categorias em greve. Professores de outros 21 estados fizeram greve, tivemos informes sobre essas greves através da imprensa burguesa. A direção da CNTE não efetivou a deliberação de seu congresso em janeiro: unificar as lutas. O jornal da CNTE não tinha nenhuma linha sobre a greve a nível nacional. Nas assembleias não eram passados os informes dos outros estados apesar do Presidente da CNTE estar presente as mesmas. Qual o papel de uma entidade nacional dos trabalhadores em educação se a mesma não unifica as lutas a nível nacional?

A greve terminou porque não se criou nenhum fato político que a sustentasse e obrigasse o governo a reabrir negociações. Isso, apesar da Oposição ter apresentado uma série de propostas para tirar a greve do isolamento e criar esses fatos políticos. A diretoria da APEOESP taxou a oposição de irresponsável e vanguardista.

Depois desta avaliação, concluímos que fomos derrotados em nossa greve. Por quê? 1º- A Escola Pública continua e continuará, por enquanto, a mesma de antes da greve; 2º- Não conseguimos o Piso Nacional Salarial da categoria; 3º- Não houve unificação com os outros estados; 4º- Não houve unificação do movimento com outras categorias em greve; 5º- Não tivemos apoio efetivo da população; 6º- O governo fez sua proposta diretamente à base da categoria, passando por cima das diretorias; 7º- Foram descontados os dias da greve; começamos a repor as aulas de acordo com o calendário do governo (antes de recebermos) e o pagamento foi escalonado segundo seu calendário e a repressão ainda não acabou.

A greve não pode ser o único instrumento de luta dos trabalhadores, portanto: a)- temos de reestruturar e criar comitês em defesa da escola pública nas escolas e regiões/compõemdo-o com grêmio estudantil, conselho de escola, SABs, sindicatos, etc.; b)- Precisamos criar um fundo de greve permanente, discutindo amplamente como utilizar esses recursos; c)- Precisamos fomentar a participação de todos os trabalhadores efetivando "Comitês permanentes de Solidariedade das categorias em luta", apontando a perspectiva de uma greve geral.

"A atual estrutura sindical atrelada ao estado e organizada verticalmente (de cima para baixo) é herança do Governo FACISTA de Vargas. Por tanto temos que transformar a atual estrutura sindical, para que os sindicatos sejam instrumentos de emancipação dos trabalhadores e não meras empresas de gestão de mão de obra e correias de transmissão do sindicato para o parlamento".

Mique/Carlos/Luciano.